





A construção histórica das práticas escolares das escolas Família Agrícola do Rio Grande do Sul

 Daiane Netto¹,  João Ernesto Pelissari Candido²,  Marilisa Bialvo Hoffmann³,  Glauco Schultz⁴

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Programa de Pós Graduação Educação em Ciências. Rua Ramiro Barcelos, 2600, Santa Cecília. Porto Alegre – RS. Brasil. ² SEDUC - Mato Grosso. ^{3, 4} Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Autor para correspondência/Author for correspondence: daiane.netto2@gmail.com

RESUMO. No Rio Grande do Sul (RS), a partir do ano de 2010, as Escolas Família Agrícola (EFAs) têm passado por um processo de expansão. O estado conta com quatro escolas nesse formato, vinculadas aos preceitos da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância. O objetivo deste trabalho consiste em descrever a trajetória histórica da Educação do Campo, da Pedagogia da Alternância e da legislação competente no RS. Além disso, pretende-se avaliar a sua influência no processo de ampliação e organização das EFAs. A pesquisa foi realizada em duas etapas: o estudo exploratório e a pesquisa de campo. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com os coordenadores pedagógicos e monitores das EFAs. Os resultados demonstram que experiências bem-sucedidas com a Pedagogia da Alternância estão diretamente ligadas à participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. Foi possível compreender que no RS a legislação específica também beneficiou o processo de ampliação do número de EFAs por meio de ações conjuntas com o Comitê Estadual de Educação do Campo.

Palavras-chave: educação do campo, monitores, pedagogia da alternância.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e16739	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------



The Historical Construction of School Practices of Agricultural Family Schools in Rio Grande do Sul

ABSTRACT. In Rio Grande do Sul (RS), since 2010, the Agricultural Family Schools (EFA) have been undergoing an expansion process. There are four schools in this settings at the state, linked to the precepts of Rural Education and the Alternancy Pedagogy. The objective of this work is to describe the historical trajectory of Rural Education, the Alternancy Pedagogy and the relevant legislation in RS. Furthermore, it intends to evaluate its influence in the process of expansion and organization of EFA. The research was carried out in two stages: the exploratory study and the field research. Data collection was carried out through semi-structured interviews with the EFA's pedagogical coordinators and monitors. The results demonstrate that successful experiences with the Alternancy Pedagogy are directly related to the participation of the community and rural social movements. It was possible to understand that in RS the specific legislation also benefited the process of increasing the number of EFA through joint actions with the State Committee for Rural Education.

Keywords: rural education, monitors, alternancy pedagogy.

La construcción histórica de las prácticas escolares de las escuelas familiares agrícolas en Rio Grande do Sul

RESUMEN. En RS, a partir del año 2010, las EFA pasaron por un proceso de expansión. El estado cuenta con cuatro escuelas en este formato, vinculadas a los preceptos de la Educación Rural y la Pedagogía de la Alternancia. El objetivo de este trabajo es describir la trayectoria histórica de la Educación Rural, la Pedagogía de la Alternancia y la legislación pertinente en RS. Además, pretende evaluar su influencia en el proceso de expansión y organización de las EFA. La investigación se llevó a cabo en dos etapas: el estudio exploratorio y la investigación de campo. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas con los coordinadores pedagógicos y monitores de las EFA. Los resultados muestran que las experiencias exitosas con la Pedagogía de la Alternancia están directamente vinculadas a la participación de la comunidad y los movimientos sociales rurales. Fue posible comprender que en RS la legislación específica también benefició el proceso de ampliación del número de EFA, a través de acciones conjuntas con el Comité Estatal de Educación Rural.

Palabras clave: educación rural, monitores, pedagogía de la alternancia.

Introdução

Levando em consideração o espaço rural, é possível inferir que o conhecimento adquirido na escola muitas vezes não fomenta o incentivo dos jovens a permanecer no campo devido à falta de saberes contextualizados. As escolas vinculadas à Educação do Campo buscam resolver essa questão utilizando a Pedagogia da Alternância, cuja proposta se trata de um método diferenciado que envolve a participação da família e da comunidade na formação dos jovens.

Esses espaços valorizam a importância dos atores locais e buscam criar um formato de escola construído por eles, a partir do contexto do espaço rural. Mais do que um método, a Pedagogia da Alternância é uma teoria com concepções de vida, dos sujeitos, do trabalho, do diálogo, dos tempos, do papel da escola e do conhecimento de maneira diferenciada.

Esse tipo de educação é considerado uma estratégia para a formação de valores, habilidades e capacidades que orientam a transição para um novo modelo de sociedade e a utilização de diferentes modos de produção. A cooperação entre educadores e outros atores sociais pode desenvolver espaços de aprendizagem crítica dentro e fora da escola, buscando ainda a união com movimentos sociais.

No Rio Grande do Sul, as Escolas Família Agrícola (EFAs) têm passado por um processo de expansão desde 2010, envolvendo a participação da comunidade, famílias de estudantes e egressos, o poder público, entidades regionais e agricultores dos municípios onde se localizam. Essas escolas são um movimento de resistência em meio às mudanças nas políticas públicas de educação brasileira e ao novo modelo de educação básica.

Com base em movimentos sociais, as dinâmicas de trabalho dessas instituições de ensino são diferentes e, para repensar algumas problemáticas enfrentadas pelo modelo escolar contemporâneo, faz-se necessário o exercício de se investigar uma investigação nesse universo. Discutir e apresentar experiências educativas diferenciadas, desenvolvidas a partir de movimentos que questionam algumas características da sociedade contemporânea, podem contribuir até mesmo para a reflexão sobre a prática docente.

Esta pesquisa buscou investigar o processo histórico que levou à constituição da Pedagogia da Alternância como base para algumas Escolas do Campo, a organização das EFAs no estado do Rio Grande do Sul e o seu funcionamento.

Metodologia

Procurando compreender a influência da trajetória histórica da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância na expansão das EFAs do Rio Grande do Sul, foram realizadas duas etapas de pesquisa. Inicialmente, realizou-se um estudo exploratório para aproximação com o objeto de pesquisa e pesquisa documental. No segundo momento, realizou-se a pesquisa de campo, direcionada aos coordenadores pedagógicos e aos monitores de duas EFAs do RS.

A primeira fase da pesquisa de campo teve o objetivo de levantar informações preliminares básicas sobre o tema de estudo e possibilitar o contato com a realidade das Escolas do Campo. Para a segunda fase, utilizou-se um roteiro de perguntas abertas, buscando informações relacionadas ao processo histórico de constituição da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância; a importância dos dispositivos legais que garantem e regulamentam essa modalidade de ensino; o funcionamento das EFAs do RS quanto às dinâmicas de ensino e à organização.

As entrevistas foram realizadas em duas das quatro EFAs do RS, uma delas na Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL), localizada no município de Vale do Sol e outra na Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (EFASERRA), localizada no município de Caxias do Sul. Nas duas EFAs, as entrevistas aconteceram no formato de roda de conversa, com a participação de diversos atores, como monitores, coordenadores pedagógicos, estudantes e, no caso da EFASERRA, estudantes de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os dados coletados na pesquisa foram organizados e sistematizados ao decorrer do estudo. A análise foi realizada de forma contínua, identificando-se categorias, dimensões, padrões, tendências e relações que auxiliaram na compreensão do objeto de estudo. Esse processo complexo, não-linear, teve início ainda na etapa de estudo exploratório e foi desenvolvido ao longo de toda pesquisa (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 1999).

As entrevistas foram transcritas, e o material qualitativo coletado foi analisado e interpretado através da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), processo no qual foram criadas as principais categorias. Nesta etapa realizou-se a seleção e delimitação das categorias conforme os temas definidos nos objetivos da pesquisa. Após essa etapa, realizou-se a descrição das narrativas dos entrevistados conforme as categorias criadas. Nessa fase, foi possível analisar as semelhanças, diferenças e inter-relação entre os dados. Por último, foi

realizada a interpretação do conteúdo, verificação do significado dos dados, seus padrões e possíveis explicações a partir do referencial teórico (Appolinário, 2011).

A Pedagogia da Alternância no RS

No Rio Grande do Sul, a Pedagogia da Alternância é utilizada como metodologia de trabalho nas EFAs e nas Casas Familiares Rurais (CFRs). As CFRs estão presentes no estado desde o ano de 2002, com a fundação da Casa Familiar Santo Isidoro, vinculada à ARCAFAR-RS e afiliada à ARCAFARSul. Localizada no município de Frederico Westphalen, a CFR oferece formação em nível médio e conta com o apoio da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) (Vergutz, 2013; Costa, 2012). Outras CFRs encontram-se em processo de implementação ou já iniciaram seus trabalhos. Em 2012, mais seis escolas estavam em processo de credenciamento junto ao Conselho Estadual de Educação, nos municípios de Santo Antônio das Missões, Santo Cristo, Três Passos, Ijuí, Alpestre e Barão do Cotegipe, todas vinculadas à ARCAFAR-RS e ARCAFAR-Sul (Costa, 2012).

A primeira EFA do RS foi fundada em 2009 na cidade de Santa Cruz do Sul. A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) é ligada à Associação Gaúcha Pró-Escolas Família Agrícola (AGEFA), que é vinculada à UNEFAB e à AIMFR. A AGEFA foi criada em 25 de julho de 2008, com o intuito de problematizar questões regionais inerentes ao espaço rural, como o êxodo, a monocultura do tabaco, a diversificação de culturas, a agroecologia, a utilização de agrotóxicos, a degradação ambiental, a assistência técnica, entre outras (Vergutz, 2013).

Ressalta-se que, desde 2001, o Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR), no município de Rio Pardo, também utiliza a alternância como método pedagógico. Vinculado ao Instituto Souza Cruz, porém sem pertencer a Rede CEFFAs do estado por apresentar objetivos e finalidades diferentes, busca-se na Pedagogia da Alternância um referencial metodológico, sem o posicionamento social e político que caracterizam os pilares dos CEFFAs (Vergutz, 2013).

Assim, a Pedagogia da Alternância como metodologia específica está presente no estado há mais de 20 anos. Somam-se às experiências das CFRs, que qualificam os jovens agricultores em nível médio, o CEDEJOR que oferece qualificação para os agricultores e as

EFAs que formam estudantes em nível médio e técnico agrícola. O período é de fertilidade para o método no estado, uma vez que oferece muitas possibilidades de formação e qualificação, abrangendo diversos municípios e regiões (Costa, 2012).

O processo de expansão das EFAs no RS iniciou a partir de 2012, assim, a AGEFA assumiu o papel de associação estadual, agregando, além da Associação da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (ASSEFASC), a Associação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (AEFASOL), e a Associação da Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (AEFASERRA). Devido a isso, a ASSEFASC, constituída em 2 de junho de 2012, passou a ser a mantenedora da EFASC e possui como associados as famílias dos jovens estudantes e os egressos do Ensino Médio do ano de 2011 (Vergutz, 2013).

Esse movimento reafirma a importância da agricultura familiar como atividade econômica. Considerando a predominância do latifúndio, o espaço rural perde, a cada ano, mais jovens para as cidades, devido às condições desfavoráveis pelas quais a agricultura familiar passa (Costa, 2012). Conforme o Censo de 2010 do IBGE, a população de 254 municípios gaúchos diminuiu entre os anos de 2000 e 2010, o que confirma a tendência de retração dos pequenos municípios e cidades rurais com menos de 10 mil habitantes (IBGE, 2010). Ou seja, os jovens migram para os centros regionais em busca de trabalho.

Os dados sugerem a importância de uma outra Escola do Campo, para fornecer alternativas para os jovens do meio rural e suas famílias, pois o êxodo rural compromete a produção e a sucessão familiar a curto prazo. Ademais, destaca-se a importância dos CEFFAs na formação dos jovens do campo, a partir dos pilares da Pedagogia da Alternância, uma vez que ela se efetiva a partir dos instrumentos pedagógicos específicos e fornece aos estudantes a opção de permanecer no campo.

O estado conta com mais três EFAs além da EFASC; a EFASERRA, na cidade de Caxias do Sul, fundada em 2013; a EFASOL, que iniciou os trabalhos em 2014 e está localizada no município de Vale do Sol; e a Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), fundada em 2016, na cidade de Canguçu.

A Constituição das Escolas Família Agrícola no Rio Grande do Sul

A partir do ano de 2012, as EFAs estão em expansão no estado, com propostas de novas escolas e ampla participação da comunidade, envolvendo as famílias dos estudantes, egressos,

poder público, entidades regionais e agricultores dos municípios. O processo de expansão teve início no ano de 2010, com propostas que contaram com a mobilização comunitária e articularam a criação da EFASOL e da EFASERRA (Costa, 2012).

A EFASC foi a primeira escola com essa proposta na região sul do país, tendo iniciado suas atividades no início do ano de 2009. O objetivo é oferecer uma oportunidade de qualificação, capacitação técnica e uma formação humanística, que prepara os educandos para o exercício da cidadania e liderança. O diferencial da EFASC é que a escola desenvolve um processo educativo voltado para a promoção da sustentabilidade em meio a uma região onde a principal economia é a monocultura do tabaco.

A AGEFA é a associação mantenedora da EFASC e apresenta-se como um dos pilares da Rede CEFFAs, a Associação Local. Além disso, a Associação Local é também considerada como regional, para a promoção educacional, representação e coordenação das EFAs do RS. A constituição da AGEFA foi possível a partir de uma parceria entre o Sistema de Cooperativa de Crédito do Vale do Rio Pardo (SICREDI-VPR) e alguns de seus sócios (Vergutz, 2013).

Nós somos quatro escolas hoje no RS. Essas quatro escolas têm um guarda-chuva, que se chama AGEFA. A AGEFA é a Associação Gaúcha das EFAs, essa associação é a representação gaúcha dessas escolas, dentro dessa associação tem representantes das quatro EFAs ... Realizamos encontros, formações entre as escolas e, no ano passado [2016], através de uma parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), nós tivemos a oportunidade de fazer um intercâmbio para outras escolas do Brasil (Professora Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

A Região do Vale do Rio Pardo ocupa uma posição de destaque devido à produção do tabaco cujo plantio é realizado em propriedades familiares rurais. O Plano de Curso da EFASC foi apresentado ao Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (CEED/RS) para justificar a autorização e o credenciamento de uma nova escola de ensino médio na região. A solicitação justifica-se pela urgência em criar espaços que pudessem garantir a formação adequada para estudantes filhos de agricultores (Vergutz, 2013).

A EFASC atende jovens da zona rural, filhos de produtores da agricultura familiar do Vale do Rio Pardo, com idade entre 13 e 23 anos e egressos de escolas públicas do campo. A escola iniciou suas atividades em 1 de março de 2009, quando 85% das famílias dos estudantes matriculados possuíam como principal fonte de renda o cultivo do tabaco. Essa porcentagem pouco tem diminuído. Em 2012, 84% das famílias dos jovens matriculados

estavam vinculadas à cultura do tabaco. Este é o contexto socioeconômico, político e cultural no período inicial de funcionamento da EFASC. A escola surgiu com o objetivo de problematizar questões regionais inerentes ao espaço rural, como o êxodo, a monocultura do tabaco, a diversificação de culturas, a agroecologia, a utilização de agrotóxicos, a degradação ambiental, a assistência técnica, entre outras (Vergutz, 2013).

Em 2012, foi fundada a Associação Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha, com o intuito de promover a instalação da EFASERRA na região de Garibaldi, a partir do interesse e liderança de agricultores do próprio município e mais outros seis municípios da região. Destaca-se “a importância desta mobilização da comunidade, de empresas e entidades parceiras e do Poder Público para a criação de uma escola voltada à educação no campo na região”. Após sua fundação, os membros da AEFASERRA reuniram-se com membros da EFASC, com o objetivo de planejar estratégias e ações para estruturação da futura escola (REDESUL, 2012).

A EFASERRA foi fundada em 2013, primeiramente no município de Garibaldi, conforme a Coordenadora Pedagógica Letícia explica:

Em 2013 foi fundada a EFASERRA, mas em Garibaldi, onde ficou até 2014. Em 2015 nós tivemos que deixar o prédio, pois era alugado e os proprietários o solicitaram de volta. Então, procuramos um lugar onde a escola pudesse estar e conseguimos esse prédio aqui em Caxias do Sul (Professora Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

O espaço onde a EFASERRA desenvolvia suas atividades, no momento da pesquisa, era alugado e pertence à associação de moradores da comunidade local. Existe a intenção de mudar a escola para um local na mesma região, que pertence a Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (FEPAGRO), e possui cerca de cinco hectares. A escola oferece o Ensino Médio concomitante ao curso Técnico em Agropecuária.

Hoje, atendemos 18 municípios da região, o que proporciona a EFA um caráter regional, pois engloba vários municípios da região. A escola conta com 53 estudantes em formação, no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e o Técnico em Agropecuária e mais 24 jovens em estágio. Depois que os estudantes completam os três anos do Ensino Médio, concomitante ao curso técnico, eles realizam mais 400 horas de estágio curricular supervisionado. Neste período, escolhem diversos setores entre EMATER, Prefeituras, Cooperativas, enfim, é uma gama grande (Professora Letícia, coordenadora pedagógica da EFASERRA, 2017).

Após a EFASERRA, a próxima EFA a se organizar foi a do município de Vale do Sol, a partir de solicitações da comunidade local.

Foi feito já de início uma série de parcerias [entre a EFASC e instituições locais], pois ela é uma escola comunitária, então a manutenção dela vem dos pais, mas os agricultores não têm como pagar o custo total da escola, então se buscou parcerias públicas e privadas. Uma delas era, já de início, a SICREDI-VPR e depois outras instituições foram somando: as fumageiras, as empresas do tabaco e outras prefeituras. Uma das que tinha parceria, logo no início, era a Prefeitura de Vale do Sol, que realizava o transporte dos estudantes, de ônibus, para a EFASC e ajudava com recursos. Então, com os primeiros egressos da EFASC, aqui do município, as famílias perceberam o impacto positivo nas suas propriedades e começaram a questionar se não poderíamos ter uma EFA em Vale do Sol também (Professor Ismael, EFASOL, 2017).

A articulação para a fundação da EFASOL ocorreu no mesmo período em que a EFASERRA se organizava. Conforme o professor Ismael explica:

E nesse movimento a escola da Serra já estava desenvolvendo, na mesma discussão, foi no mesmo período, por 2011 ou 2012 mais ou menos que começam essas duas a iniciar essa discussão. A serra consegue se articular e organizar antes e abrir a escola em 2013 e aqui abrimos em 2014. Então, se forma uma associação pré EFA oficialmente que vai ser a mantenedora depois, a mesma associação, mesmo CNPJ, que são os agricultores. Nesse primeiro momento, eram pais de egressos da EFASC, outros membros da comunidade e outras instituições que achavam a ideia da escola interessante (Professor Ismael, EFASOL, 2017).

Destaca-se, conforme a fala do professor, que da mesma forma que ocorreu com a EFASC e a EFASERRA, a associação local, neste caso a AEFASOL, foi fundada previamente à escola. “A primeira turma da EFASOL foi aberta em 2014 e as famílias desses alunos assumiram a diretoria da associação, que é quem mantém a escola. Além disso, a associação que é a responsável legal do processo” (Professor Ismael, EFASOL, 2017).

Ademais, salienta-se ainda a importância da Associação, também no processo de formação dos estudantes e andamento das escolas. Através das relações de proximidade com os demais participantes do processo formativo, amplia-se a relação de aprendizagem, partilha e troca de saberes (Vergutz, 2013).

... a associação que é quem mantém a escola. É essa associação de famílias que são as responsáveis legais por todo o processo. Nós, enquanto educadores, somos contratados por essa associação ... [dentre] os agricultores [da associação] há o tesoureiro, o presidente, o vice-presidente, uma estrutura de gestão de uma associação, mas eles não têm como estar aqui o tempo inteiro, no dia a dia. Eles vão aprovar a prestação de contas, vão dar

direcionamento para onde a gente deve seguir, eles vão fazer o processo de gestão, mas quem executa na prática diariamente somos nós, na parte administrativa e pedagógica (Professor Ismael, EFASOL, 2017).

Conforme o professor enfatiza em sua fala, o trabalho realizado nas EFAs é realizado em conjunto entre a Associação Local – composta pelas famílias e agricultores – e os monitores. Além disso, a Associação é quem representa juridicamente o CEFFA, sendo a instância administrativa a responsável por responder legalmente. Dessa forma, assume a função de reguladora quanto aos fatores da alternância dentro e fora do movimento. É um espaço de diálogo, de troca de experiências, partilha de opiniões e de poder. Para Gimonet (2007), a Associação representa um espaço de promoção das pessoas, é também um instrumento de participação na ação social e no desenvolvimento local.

A EFA, inaugurada mais recentemente, em 2016, é a do município de Canguçu, a EFASUL. Seu processo de fundação foi um pouco diferenciado das demais, conforme explica a professora Letícia:

Santa Cruz do Sul possuía uma demanda muito grande e existia um movimento em Vale do Sol para que existisse outra escola lá também. Agora, as duas escolas conseguem suprir a demanda da região. Em 2016, surgiu a escola da região sul, a EFASUL, que nasceu um pouco diferente das outras. A EFASC, a EFASERRA e a EFASOL nasceram do movimento dos pais que queriam uma escola diferente para os seus filhos e que não os afastassem do campo, na escola da região sul, foram entidades ligadas a agroecologia que fizeram esse movimento para trazer os jovens para a escola (Professora Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

Uma síntese das características de cada EFA do RS é apresentada no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Características das EFAs.

EFA/ FUNDAÇÃO	LOCAL	MANTENEDORA	CONSTITUIÇÃO	OBJETIVO
EFASC/2009	Santa Cruz do Sul	AGEFA	Através da parceria entre o Sicredi, alguns de seus sócios e a comunidade local.	Oferecer oportunidade de qualificação, capacitação técnica e formação humanística, preparando os educandos para o exercício da cidadania e liderança.
EFASERRA/2013	Caxias do Sul	AEFASERRA	Através do interesse e liderança de agricultores do município de Garibaldi e outros seis da região.	Promover a qualificação profissional concreta e eficaz do jovem do campo, priorizando a valorização da agricultura e a sucessão familiar, e buscando alternativa de trabalho e desenvolvimento do meio.
EFASOL/2014	Vale do Sol	AEFASOL	A partir de solicitações da comunidade local, parcerias públicas e privadas.	Desenvolver na região um novo modelo de ensino, voltado para filhos de agricultores familiares do campo.
EFASUL/2016	Canguçu	AEFASUL	A partir de entidades ligadas a agroecologia.	Oferecer ao jovem do campo a opção de permanecer no meio sem significar o abandono do estudo e da busca por qualificação profissional.

Fonte: elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa (2018).

Instrumentos Pedagógicos

É possível compreender a adesão dos jovens ao método da Pedagogia da Alternância ao se verificar os instrumentos pedagógicos. As quatro escolas do RS têm trabalhado praticamente da mesma forma quanto aos instrumentos, porém os utilizam de acordo com as suas necessidades e especificidades. Como a EFASC, por exemplo, que não utiliza os Cadernos Didáticos por possuir amplo acesso ao acervo da biblioteca da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) (Vergutz, 2013). Já na EFASERRA, conforme a Professora Letícia, “o caderno didático é o que utilizamos no dia a dia, para anotações e cada área tem o seu caderno, um caderno de anotações diárias de aula”.

Todos os instrumentos pedagógicos estão interligados por meio do Plano de Formação. Este é um planejamento vivo, em constante reformulação, conforme a fala do Prof. Ismael:

Existe um jogo de cintura, acho que isso é importante. A partir da demanda deles [os estudantes] que a gente trabalha os conteúdos. Claro que a gente tem um preparo, um planejamento, uma separação dos conteúdos que consideramos que eles têm que ter uma noção, mas a caminhada vai dizendo. A gente começa o ano com um Plano de Formação, mas termina com outro. Todo início de ano a gente planeja de novo (Prof. Ismael, Coordenador Pedagógico da EFASOL, 2017).

E essa dinâmica só é possível em espaços centrados no diálogo e, assim, ocorre também a participação dos estudantes, como relata a professora Letícia, da EFASERRA

O plano de formação é feito pelos monitores, mas durante o ano, este ano, por exemplo, a gente teve o estágio de vivência em que havia temáticas que precisaram ser suprimidas. Então questionamos o que poderia ser feito em relação a isso, o que os alunos achavam. Eles ajudaram a decidir se juntaríamos duas temáticas parecidas para trabalhar junto ou se deixaríamos para o próximo ano. Neste sentido eles participam. Às vezes os alunos trazem questões de vivências que não estão dentro do conteúdo, mas que é importante utilizar isso e agregar de alguma maneira (Profa. Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

Assim, percebe-se que o Plano de Formação, elaborado pelos monitores, não é permanente. As modificações, ao longo do ano, são realizadas de acordo com as demandas e interesses dos alunos quanto aos conteúdos e temas trabalhados. Cada ano de formação enfatiza uma temática, conforme o professor Ismael, da EFASOL, explica:

... o nosso plano de formação é muito semelhante ao das outras EFAs, mas grosso modo, é a ideia de olhar a propriedade no primeiro ano, a comunidade no segundo ano e as relações com políticas públicas e movimentos sociais no terceiro ano, e pensar o projeto profissional. Então, vai ter uma série de pesquisas que vão ser demandadas e eles [os estudantes] vão fazer. Quando eles colocam em comum para nós, na segunda-feira, perguntamos o que levantaram de dúvidas, daí eles expõem (Prof. Ismael, Coordenador Pedagógico da EFASOL, 2017).

O professor Ismael cita outro instrumento pedagógico importante, a Colocação em Comum, que é realizada no início de cada sessão escolar. Esse instrumento privilegia a comunicação oral e o compartilhamento das pesquisas e observações realizadas. O objetivo é relatar, em uma roda de conversa, o que foi realizado na sessão familiar anterior, o andamento das pesquisas e projetos, bem como o compartilhamento de ideias e dúvidas, conforme o Plano de Estudos. Dessa forma, os monitores têm a possibilidade de ajustar o Plano de Formação de acordo com as demandas.

Eles [os estudantes] colocam em comum na segunda-feira para nós uma pesquisa de mercado consumidor [por exemplo], então eles foram para as comunidades deles pesquisar quais produtos são vendidos, as quantidades e o valor aproximados, com o objetivo de poderem se enxergar num futuro como fornecedores, para poder medir esse mercado, essa era a intenção. E essa definição [do que pesquisar] ocorre pelo Plano de Estudo e eles trazem um relatório que a gente corrige e acompanha individualmente a partir de uma tutoria (Prof. Ismael, Coordenador Pedagógico da EFASOL, 2017).

De acordo com a fala do professor Ismael, a apresentação dos Planos de Estudo também ocorre na Colocação em Comum. “O plano de estudos é esse caminho que vai para casa, vai junto um direcionamento sobre o que pesquisar na semana” (Professor Ismael, Coordenador Pedagógico da EFASOL, 2017). A partir da apresentação desses Planos de Estudo, na Colocação em Comum, a professora Heloísa define que “é um processo que vai sendo construído com as ideias, e um ajuda o outro” (Professora Heloísa, EFASERRA, 2017). A professora Letícia enfatiza que “depois da colocação em comum o professor se reúne com os alunos e aponta onde melhorar as tarefas e retoma algumas atividades. A partir do que eles trazem a gente desenvolve também o nosso trabalho” (Professora. Letícia, EFASERRA, 2017).

Dessa forma, a professora Heloísa, da EFASERRA, explica que

... o jovem se sente atraído e se sente parte daquilo ali [a propriedade rural], aquilo faz sentido pra ele. É nesse sentido que a gente trabalha, sempre promovendo meios para que ele

se aproxime da propriedade e nunca que ele se afaste, que ele goste e se sinta parte da propriedade. Muitas vezes quem é parte da propriedade são só os pais, o jovem é como uma sombra que só faz aquilo que o pai diz. A juventude precisa se apossar daquilo que um dia será dela e que já é na verdade, eles precisam ter a voz de opinar e participar (Professora Heloísa, EFASERRA, 2017).

Além desses, existem outros instrumentos pedagógicos utilizados pelas EFAs do RS, dentre eles, as Saídas a Campo. “A gente faz saídas de campo, visita propriedades de alunos para fazer alguns cursos, por exemplo, curso de poda. Sempre que a gente pode relacionar com as propriedades dos nossos estudantes, do que eles já têm, a gente faz isso e visita” (Professora Letícia, EFASERRA, 2017).

A professora Letícia, coordenadora Pedagógica da EFASSERA (2017), explica que além das Saídas a Campo é utilizada a Colaboração Externa, “tem intervenções de algumas pessoas, são intervenções esporádicas e, também, ligadas a temas que a gente trabalha em aula, por exemplo, em agroecologia, temos parceiros que são pagos e vem falar sobre agroecologia”.

Quanto aos instrumentos utilizados pelos alunos diretamente, além do Caderno Didático, existem outros tipos de cadernos que auxiliam os estudos. A professora Letícia explica a utilização do Caderno da Realidade na EFASERRA

... na verdade, é uma pasta onde eles [os estudantes] guardam todas as informações que eles acham pertinentes, por exemplo, nesta semana a gente foi visitar uma agroindústria e recebemos um material sobre a produção de geleia, então podem guardar esse material. É um arquivo para não perder as coisas, para guardar o que eles acham que seja importante para a formação deles. Tem esse tipo de material, tem o material que os professores dão em aula e tem material de visita (Profa. Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

Os materiais coletados e armazenados no Caderno da Realidade auxiliarão os alunos a desenvolver o Projeto Profissional do Jovem (PPJ), ao final do terceiro ano de formação. Há ainda o Caderno de Acompanhamento, este caderno é utilizado por todos os agentes de formação.

O caderno de acompanhamento é uma espécie de agenda. Neste caderno vão os conteúdos trabalhados durante toda a semana [na sessão escolar], eles [os estudantes] fazem a anotação do que foi trabalhado em cada matéria. Consta, também, a avaliação da família sobre a sessão familiar, o que o aluno fez enquanto estava em casa, como foram os trabalhos, a família escreve também. E tem a autoavaliação do estudante, ele também escreve sobre o que ele vivenciou e tem o plano de estudos. No caderno de acompanhamento, eles escrevem

o plano de estudos e os pais e monitores fazem as considerações necessárias durante aquela semana ou aquela sessão (Profa. Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

A partir do Caderno de Acompanhamento, é possível, além do acompanhamento da formação do aluno, a participação da família e a comunicação entre as famílias e as EFAs. Ainda assim, os tutores realizam visitas periódicas às propriedades. A professora Letícia da EFASERRA (2017) explica: “fazemos as visitas para conhecer a realidade deles [os estudantes], saber como está o acompanhamento em casa, o comportamento deles em relação ao estudo, em relação ao trabalho e, assim, a gente cria um vínculo dos monitores com a família também”.

Da mesma forma, ocorre nas outras EFAs, conforme relata o professor Ismael, da EFASOL

A gente vai pelo menos duas vezes ao ano em cada propriedade e passa lá algumas horas, no convívio daquela família e tenta entender, tanto a intervenção do estudante quanto o entendimento da família sobre a escola, se a família acompanha, pois, na verdade, em casa quem acompanha são os pais. ... Assim, também se desconstrói a ideia de que o professor é o dono do saber e coloca um agricultor a acompanhar o aprendizado e ensinar o seu próprio filho (Professor Ismael, Coordenador Pedagógico da EFASOL, 2017).

Destaca-se, neste processo, o papel do tutor. “O tutor é quem vai acompanhar o plano de estudos e os cadernos e as visitas às famílias, o tutor que vai acompanhar mais de perto o aluno durante a semana, inclusive nas questões de relacionamento” (Profa. Letícia, EFASERRA, 2017).

A partir disso, a alteração do termo professor para o termo monitor, no Movimento CEFFA, é fortalecido.

Chamamos monitores e não professores, pois professor é aquele que professa e só professa quem sabe, então é o dono da verdade, e não é. E o aluno é aquele ser sem luz, que também não é verdade. Então a gente procura não utilizar essas palavras por causa, inclusive, do significado ... Chamamos os professores de monitores, pois além de estar em sala de aula, estamos também em outros espaços, a gente dorme junto com eles [os estudantes], fazemos as refeições junto com eles, a gente vai jogar taco junto com eles, é um outro tipo de relação que não só a de professor-aluno (Professora Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

As EFAs do RS têm trabalhado de maneira semelhante no que se refere aos instrumentos pedagógicos. Conforme Vergutz (2013), esse processo está interligado ao

projeto pedagógico proposto pela Pedagogia da Alternância. “A organização em instrumentos pedagógicos permite ao jovem e a sua família perceberem a ampla rede de relações que formulam e a qual pertencem através da leitura da sua realidade com enfoque em interrogações, trocas e elaboração de um projeto de vida para si e sua família” (Vergutz, 2013, p. 71).

A materialização dessa proposta pode ser observada por meio dos PPJs. Conforme o professor Marlon, da EFASOL, explica

Quanto à implantação prática na propriedade no terceiro ano, os PPJs são uma porta de entrada deles [os estudantes] na propriedade. Em alguns casos acontece de ele [o estudante] construir um projeto que serve para sua inserção na produção da família com uma cultura agora pensada e estudada por ele, isso faz com ele se sinta bem mais pertencente, por ser um projeto que ele parte da realidade dele, no primeiro ano estudando a propriedade, no segundo ano, a comunidade e volta, no terceiro ano, com um projeto voltado para sua realidade específica. Assim, o estudante percebe esse meio e propõe uma intervenção para o seu caso, insere as técnicas que aprendeu em agropecuária, pensando no que aprendeu com as ciências humanas com a linguagem, com a própria química (Professor Marlon, EFASOL, 2017).

Para Vergutz (2013), na EFASC, o PPJ é o instrumento que interliga e justifica os pilares da formação por alternância, como um processo sistêmico, pois a

Metodologia da Pedagogia da Alternância trabalha na perspectiva de uma Formação Integral, já que, o jovem ao pensar um projeto para si e para sua família não parte apenas de uma visão técnica, de maneira fragmentada, mas sim, de forma sistêmica levando em conta a complexidade de todos os elementos e fatores que se relacionam com a vivência dele e de sua família (Vergutz, 2013, p. 105-106).

Ou seja, busca-se ir além da observação, análise crítica e construção de hipóteses, promove-se o desenvolvimento do meio a partir do conhecimento de si, dos outros e do mundo, conforme relatam as professoras Letícia e Heloísa, da EFASERRA:

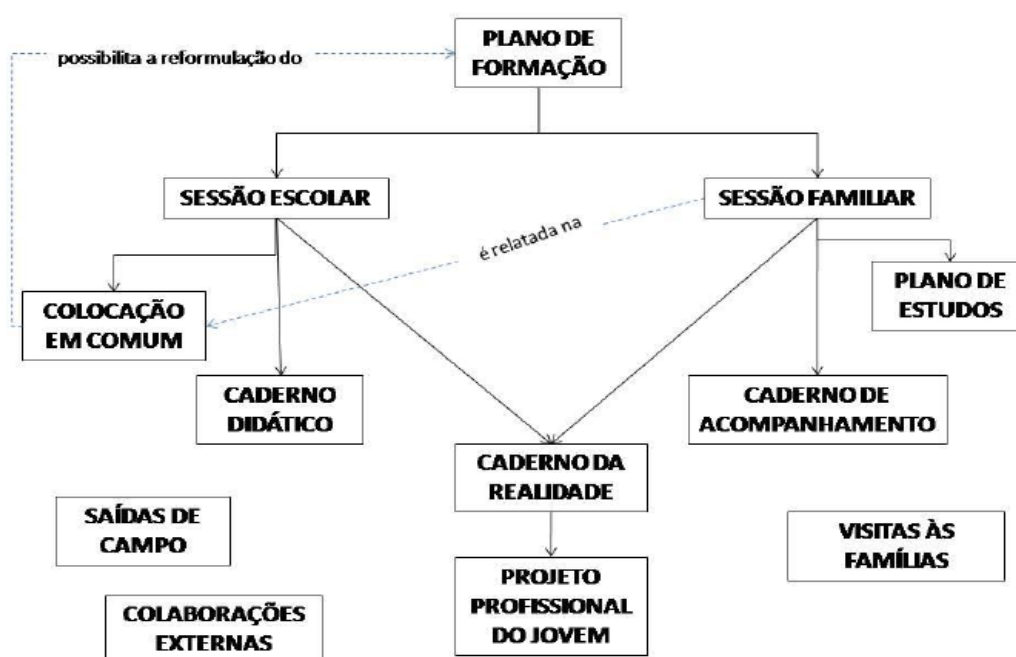
Temos dois alunos irmãos que um dos projetos era [a plantação] de tomates em estufa e o outro a reativação de um alambique. Um dos projetos está andando mais rápido, eles têm uma estufa de tomates e comercializam, por conta deles, o pai já colocou a terra em nome dos guris, que é para incentivar. Saiu uma reportagem sobre eles no SBT esses dias (Profa. Letícia, Coordenadora Pedagógica da EFASERRA, 2017).

E esses projetos, como o do alambique e produção de tomates, veio através do PPJ, foi uma interferência que eles perceberam, que seria pertinente na propriedade deles, tanto o tomate quanto a cachaçaria para diversificar, pois eles trabalham exclusivamente com uva ... E resgatar uma atividade que era dos avós (Professora Heloísa, EFASERRA, 2017).

A Figura 1 demonstra um esquema com os principais instrumentos pedagógicos utilizados pelas EFAs do RS, como eles se interligam e em qual sessão são utilizados.

A contribuição das EFAs para promover mudanças de atitudes e comportamento dos estudantes e das suas famílias é potencial. Isso ocorre através de um processo educativo de formação, com caráter participativo, fazendo com que os jovens reflitam sobre seu papel nas propriedades rurais e sobre seu próprio futuro. De acordo com Schneider (2012), os pais demonstram reconhecer a importância do processo de formação de seus filhos na EFASC e da relação deles com a escola, visando o desenvolvimento da região e o futuro dos jovens.

Figura 1 – Principais instrumentos pedagógicos das EFAs.



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2018).

A influência da evolução histórica da pedagogia da alternância e da legislação nas práticas escolares das EFAs do RS

Compreender a Educação do Campo é entender o significado das práticas pedagógicas adotadas. Essas práticas são direcionadas a um modelo de educação necessário para a promoção da autonomia dos trabalhadores e jovens do campo. Neste sentido, as lutas dos movimentos sociais tiveram papel fundamental ao longo do processo histórico de evolução da Educação do Campo. Destaca-se a participação da população do campo na elaboração e criação das reivindicações de uma educação pensada com e para a população do campo.

De um modo geral, a Educação do Campo é uma conquista dos movimentos sociais e surge como resposta da busca por educação para todos que habitam o espaço rural, pela erradicação do analfabetismo, pelo resgate da cultura do campo, pela valorização da agricultura familiar. Busca-se, com a Educação do Campo, os mesmos direitos educacionais fornecidos para a população urbana. A Pedagogia da Alternância é resultante destas experiências educativas.

As EFAs fundamentam sua prática escolar na Pedagogia da Alternância cuja práxis está baseada em quatro pilares. Sendo a Associação um dos pilares deste sistema educativo, com isso, a participação das famílias na gestão escolar é garantida. Além disso, o currículo flexível permite recriar a educação a partir do cotidiano dos jovens do meio rural. O tempo alternado, entre o período escolar e familiar, permite a integração das experiências e demandas sociais da região ao currículo escolar, tornando os conteúdos científicos parte da realidade dos educandos (Schneider, 2012).

O desenvolvimento de uma prática pedagógica que leve em conta a realidade dos habitantes do espaço rural, diferente da educação convencional, se faz necessária considerando a realidade do campo e a urgente criação de espaços formadores com uma perspectiva diferenciada, que busque outros meios de produção e de relação com os recursos naturais. Nessa perspectiva, uma proposta diferenciada de Educação do Campo, relacionando diferentes aspectos sociais, econômicos, históricos e de vivência apresenta amplitude em potencial.

A ação educacional das EFAs, em alternância, tem evoluído de forma conjunta ao movimento da Educação do Campo, pois vinculam-se, desde o início, às ações de movimentos sociais. As EFAs são instituições com caráter comunitário, assim, possuem certa autonomia para desenvolver seus processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, podem definir seu plano formativo para o campo com a participação direta das associações, das famílias dos estudantes e dos monitores.

Ademais, salienta-se como relevante, resultante dessa autonomia, a possibilidade de formação de parcerias com instituições públicas e privadas em benefício das EFAs e dos seus estudantes. Da mesma forma que os primeiros CEFFAS, na França, as EFAs do RS foram fundadas a partir das demandas das próprias comunidades onde estão localizadas, com o apoio financeiro de organizações locais e regionais. Assim, a forma como as escolas têm se organizado quanto aos aspectos institucionais também garante sua ampliação e permanência.

A Educação do Campo, vinculada à Pedagogia da Alternância, surge como uma forma de garantir melhores condições de vida para a população camponesa, além disso, possibilita que as crianças e jovens do campo permaneçam no meio rural e tenham boas condições de vida e novas oportunidades. Evidencia-se que a Educação do Campo é garantida por legislação específica que determina que as necessidades e interesses desse público devem ser atendidos pelas práticas de formação escolar; além disso, os conteúdos e as metodologias devem ser adaptados e apropriados para a realidade dos estudantes. Isso possibilita um modelo de educação com mais qualidade e mais bem contextualizado para essa parcela da população.

A ampliação do número de EFAs no RS foi beneficiada tanto pelo processo histórico de evolução da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância quanto pela elaboração e implementação de legislação específica. Atualmente, a Educação do Campo possui uma série de leis consistentes e significativas para sua garantia e permanência.

Nas últimas décadas, acumularam-se importantes instrumentos de garantia ao direito à Educação do Campo, dentre eles as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo de 2002, o Parecer n. 1/2006 que reconhece os dias de alternância também como letivos e o Decreto n. 7.352/2010 que dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Molina; Freitas, 2011).

As leis analisadas neste trabalho fornecem um parâmetro de como as Escolas do Campo devem funcionar. Dentre outros fatores, elas devem considerar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas para definir sua organização e calendário escolar, ou seja, o período letivo deve estar de acordo com as especificidades da comunidade na qual a escola está inserida.

O currículo das Escolas do Campo também é definido por legislação, este deve ser elaborado conforme a base nacional comum curricular, mas pode ser complementado para atender às necessidades e interesses dos alunos do campo, levando em consideração a regionalização. Nesse aspecto, sobressai-se a participação das famílias e dos próprios estudantes. As famílias também são consideradas como agentes da formação dos estudantes, a forma como os Pilares da Alternância está organizada deixa isso claro. As famílias estão constantemente envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, gerando um senso de pertencimento (Costa, 2012).

No Rio Grande do Sul, de forma específica, a ampliação do número de EFAs a partir do ano de 2010, deve-se também às Associações Locais, um dos Pilares da Alternância. A partir desse período, a AGEFA passa a ser a organização regional das escolas, sendo responsável por garantir a assessoria e o acompanhamento das ações que originariam a EFASOL e a EFASERRA, posteriormente. Dessa forma, fortaleceram-se as lutas pela Pedagogia da Alternância no estado, expandindo o movimento EFA.

Os três processos de expansão e criação das EFAs foram agilizados a partir da fundação das associações locais. Os quais foram passos muito importantes para a consolidação do modelo EFA no estado, isso devido à possibilidade de intercâmbio de informações e experiências entre as quatro EFAs até então existentes (Costa, 2012).

O fato de uma primeira experiência bem-sucedida, a EFASC, também apresenta bastante importância. A EFASC contribuiu para a implementação da Pedagogia da Alternância no RS e para a sua ampliação em outras regiões do estado devido a formação de técnicos agrícolas, responsáveis por uma transformação sustentável da realidade na qual estão inseridos. Por exemplo, alunos formados pela EFASC são monitores em outras unidades do estado.

Outro fator que contribui para que as experiências das EFAs tenham êxito na região é a organização e atuação do Comitê Estadual de Educação do Campo do Estado do Rio Grande do Sul. Com atribuições que incluem acompanhar e assessorar a Educação do Campo de ensino formal nas escolas públicas do RS, apoiar e divulgar suas práticas e experiências. Desde sua constituição, o Comitê vem desenvolvendo diversas ações neste sentido.

Em conjunto com a participação de organizações ligadas à Educação do Campo, diversos atores e instituições de ensino, o Comitê instaurou a Lei de Diretrizes Curriculares da Educação Básica nas Escolas do Campo no RS, em abril de 2018. Muitos estados apenas preveem de forma genérica as características regionais, sem incluir em suas constituições, a operacionalização e o sistema educacional do campo. Diferente desses, tendo incluído em sua Constituição normas e princípios voltados especificamente para o ensino rural, o Rio Grande do Sul pode ser considerado como um espaço fértil para experiências em Educação do Campo e Pedagogia da Alternância.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a influência da trajetória histórica da Pedagogia da Alternância no processo de expansão das EFAs do RS, nas suas práticas pedagógicas e na sua organização. De forma específica, o trabalho procurou apresentar uma descrição histórica da Pedagogia da Alternância e seu desenvolvimento no estado analisado. Além disso, visou-se descrever a utilização dos instrumentos pedagógicos e o processo de fundação das EFAs da região.

A análise das informações levantadas por meio da pesquisa desenvolvida possibilitou compreender que, assim como as primeiras experiências francesas, na década de 1930, a fundação das EFAs do RS esteve diretamente ligada às reivindicações dos movimentos sociais do campo. Além disso, foi imperativa a participação de atores específicos, a colaboração e parceria com instituições interessadas e, primeiramente, o interesse e a iniciativa dos agricultores das regiões onde as EFAs estão localizadas.

A organização de Associações Locais, um dos pilares do movimento CEFFA, foi destacada como fundamental no processo de expansão das EFAs na região estudada. Por meio delas, foi possível direcionar as experiências para a consolidação do movimento pró EFAs no estado, devido à possibilidade de trocas de informações e experiências, mas também devido à garantia de participação da comunidade.

Quanto à legislação, tanto a Educação do Campo quanto a Pedagogia da Alternância são garantidas por lei. Nas últimas décadas, acumularam-se importantes instrumentos de garantia ao direito à Educação do Campo, o que promoveu um ambiente fértil para novas experiências de educação diferenciada e contextualizada para a população do campo.

De forma específica, no Rio Grande do Sul, a partir do ano de 2012, o Comitê Estadual de Educação do Campo vem desenvolvendo ações para a promoção dessa modalidade de ensino. Essas ações também tiveram papel decisivo no processo de ampliação das EFAs no estado, que contaram com o apoio de legislação específica e um Comitê especial.

Diferente da maioria dos estados do Brasil, o Rio Grande do Sul incluiu em sua Constituição Estadual o direito à Educação do Campo para a população dos espaços rurais. Incluindo-a no contexto de um projeto estruturador para o conjunto do país, a Educação do Campo, no RS, é considerada como indispensável à população do campo, superando a abordagem compensatória.

Os resultados encontrados no estudo aqui desenvolvido demonstram que todas têm utilizado as práticas e os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância de forma semelhante, com algumas especificidades. Desta forma, demonstrando uma troca de experiências e informações a partir de uma primeira experiência bem-sucedida, a EFASC.

De um modo geral, a expansão das EFAs foi beneficiada pelo conjunto de fatores supracitados. Apoiadas pela legislação específica do estado, as iniciativas dos agricultores aliadas às instituições e movimentos sociais, juntamente ao intercâmbio de informações, possibilitou a afirmação do movimento EFA no RS. Primeiramente, para a organização das Associações Locais, com a participação da comunidade interessada que, posteriormente, organiza a fundação da EFA.

A importância da promoção de iniciativas educacionais diferenciadas para os jovens do campo, e a sua potencialidade para o desenvolvimento local e regional, está diretamente vinculada ao interesse de construir uma perspectiva crítica e de questionamento da realidade cujos atores estão inseridos. Assim, destaca-se o importante papel das lutas pela permanência e elaboração de políticas públicas e legislação que garanta a qualidade e a conservação das Escolas do Campo.

Ainda que traga um panorama importante, esta pesquisa possui limitações na análise dos dados coletados. Tratando-se de elementos de difícil constatação, a avaliação da influência dos processos de expansão e a inclusão de outros atores vinculados às instituições pesquisadas poderiam trazer mais elementos para a discussão dos resultados.

Devido ao caminho teórico e a metodologia escolhida, apresentam-se sugestões para estudos futuros: o aprofundamento da análise dos processos de fundação das EFAs e as instituições envolvidas; a comparação com os processos que ocorreram nos outros estados do país; a realização do mesmo estudo com outro caminho teórico, utilizando a metodologia de etnografia ou a utilização de questionários para o levantamento de dados numéricos.

Referências

Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsznajder, F. (1999). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira.

Appolinário, F. (2011). *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Cengage Learning.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). São Paulo: Edições 70.

Costa, J. P. R. (2012). *Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da Pedagogia da Alternância* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.

Gimonet, J. C. (2007). *Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). Censo demográfico, 2010. Rio de Janeiro.

Molina, M. C., & Freitas, H. C. A. (2011). *Avanços e desafios na construção da Educação do Campo*. Em Aberto, 24(85), 17-31.

Redesul. (2012). Formada Associação da EFA Serra Gaúcha. Recuperado de <https://www.redesul.com.br/noticias/show/noticia/24622-formada-associacao-da-efa-serra-gaucha>

Schneider, S. (2012). *Educação do Campo e sustentabilidade: o caso da Escola Família Agrícola em Santa Cruz do Sul* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.

Vergutz, C. (2013). *Aprendizagens na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul*. (Dissertação de mestrado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 16/06/2023
Aprovado em: 10/05/2024
Publicado em: 30/06/2024

Received on June 16th, 2023
Accepted on May 10th, 2024
Published on June, 30th, 2024

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Netto, D., Candido, J. E. P., Hoffmann, M. B., & Schultz, G. (2024). A construção histórica das práticas escolares das escolas Família Agrícola do Rio Grande do Sul. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 9, e16739.

ABNT

NETTO, D.; CANDIDO, J. E. P.; HOFFMANN, M. B.; SCHULTZ, G. A construção histórica das práticas escolares das escolas Família Agrícola do Rio Grande do Sul. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 9, e16739, 2024.